



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A influência da língua moderna no pensamento político de Rousseau

Por: Caio Cezar Pontim Scholz¹

cezar.cs@hotmail.com

Mas o discurso, que descreve a curva necessária pela qual as línguas tendem a tornar-se pura pressão e violência, tem também, por outro lado, a pretensão de ser o espaço da expressão pura e da mais pura liberdade.

Bento Prado Jr.

Resumo:

Rousseau é comumente reconhecido pelo seu interesse em abordar questões no campo da ética e da política. É comum encontrar nos argumentos utilizados para discutir essas questões diversas críticas aos elementos que compõe a realidade social moderna. Porém, além do campo ético e político, as reflexões de Rousseau são marcadas por elementos que dizem respeito ao campo da linguagem. Diante deste cenário, se faz necessário investigar alguns elementos que compõe suas reflexões nesse âmbito a fim de compreender a relação de aproximação entre política e linguagem na estrutura de seu pensamento filosófico.

Palavras-chave: Ética; Política; Linguagem; Sociedade moderna.

Resumo:

Rousseau estas komune konata pro sia intereso en traktado de aferoj en la kampo de etiko kaj politiko. Estas komune trovi en la argumentoj uzataj por diskuti tiujn diversajn temojn kritika al la elementoj kiuj konsistigas la modernan socian realaĵon. Tamen, preter la etika kaj politika, Rousseau reflektoj estas markitaj de elementoj kiuj rilatas al la kampo de lingveco. En tiu scenaro, necesas esplori iujn elementojn kiuj formas liajn pensojn en ĉi kunteksto por kompreni la alproksimiĝon de la rilato inter politiko kaj lingveco en la strukturo de lia filozofia penso.

1. É mestrando em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, é Especialista em Gestão e Organização Escolar pelo Instituto de Estudos Avançados e Pós-graduação – ESAP e Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ŝlosilvortoj: *Etiko; Politiko; Lingveco; Moderna socio.*

Abstract

Rousseau is usually recognized by his interest in approaching questions on the field of Ethics and Politics. It is common to find in his arguments used to discuss those questions, several criticisms to the elements that compose the modern social reality. However, besides ethics and politics field, Rousseau's reflections are marked by elements that are concerned to the language field. In front of this scenario, It is necessary to investigate some elements that compose his ideas in this field in order to understand the relation of nearness between politics and language in his philosophical thought structure.

Keywords: *Ethics, Politics, Language, Modern society.*

Introdução

É comum identificar Rousseau como um pensador crítico pertencente às reflexões voltadas para o campo da Ética e da Política². Porém, mesmo que não seja comum considerá-lo como um teórico próprio do campo da linguagem, é essencial destacar seu interesse em dedicar parte de suas críticas e reflexões filosóficas a questões acerca das várias formas de manifestações da linguagem e enfatizar a relevância destas para compreensão de seu pensamento político.

Diante da totalidade do pensamento filosófico rousseauniano, algumas passagens revelam a presença de elementos pertencentes à linguagem em questões centrais que extrapolam os limites dos objetos de estudo de suas obras específicas e incentivam a sua reflexão filosófica em direção da composição desta totalidade.

Exemplo disso é observado logo no início do primeiro capítulo da obra *Paradoxo do Espetáculo* de Salinas Fortes. O autor inaugura

² Talvez esse reconhecimento tenha sido adquirido a partir da clássica obra *Do Contrato Social*.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

o capítulo apresentando e comentando uma passagem do próprio Rousseau, presente na *Carta a Beaumont*, que denuncia um problema do convívio entre os seres humanos que se dá a partir do desacordo entre a fala e o agir, ou seja, duas formas de manifestação da linguagem. Além desta denúncia, a passagem também revela que esta questão compreende uma das principais motivações do filósofo:

Logo que me encontrei em estado de observar os homens eu os olhava fazer e os escutava falar: depois, vendo que suas ações não se pareciam com seus discursos, eu buscava a razão desta dessemelhança e encontrava que ser e parecer, sendo para eles duas coisas tão diferentes quanto agir e falar, esta última diferença era a causa da outra e tinha ela própria uma causa que me restava buscar (OC, t. IV, p. 966-7 apud FORTES, 1997, p. 37).

Já no *Discurso Sobre a Origem e Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, é possível encontrar mais uma demonstração da presença da linguagem em questões fundamentais de seu pensamento filosófico. Neste contexto, ao tratar da origem da sociedade civil, Rousseau afirma:

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassinios, misérias e horrores não poupou ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: “defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém! (ROUSSEAU, 1973, p. 265).

Franklin de Mattos, ao comentar essa passagem, evidencia claramente esta presença ao afirmar: (MATTOS, 2008, p. 18): “O leitor do *Discurso sobre a desigualdade* há de se lembrar da célebre passagem em que a propriedade privada surge de uma astúcia



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de linguagem”. Com isso, evidencia-se a influência direta de uma manifestação da linguagem na origem da sociedade civil.

A partir destas observações iniciais e, a fim de compreender a importância e contribuição das questões acerca da linguagem para o pensamento político formulado pelo filósofo francês, é pertinente questionar: como linguagem e política se relacionam no pensamento filosófico rousseauiano? Para tratar tal questão, inicia-se por explorar algumas críticas de Rousseau a língua moderna, posteriormente, investiga-se alguns conceitos que compõe essas críticas e, por fim, revela-se alguns aspectos éticos e políticos nas suas reflexões pertencentes ao campo linguístico.

Crítica de Rousseau à linguagem

Pode-se afirmar que um traço marcante do pensamento filosófico rousseauiano compreende o potencial crítico voltado para a ideia de sociedade e à diversos elementos específicos que compõem a realidade social moderna. A linguagem e suas várias formas de manifestação são, justamente, alguns desses objetos específicos de estudo e crítica que Rousseau trata mais precisamente no *Ensaio Sobre a Origem das Línguas*. Nesse estudo, o filósofo dedica-se a investigar todo o processo de desenvolvimento das várias formas de linguagens desde a sua origem até o seu momento atual de ser capaz de exercer influências e produzir efeitos na sociedade.

Neste contexto, em linhas gerais, o alvo da crítica de Rousseau contempla as línguas e a música moderna como forma de demonstrar que, no campo da linguagem, a música ocupa um lugar de paradigma para o desenvolvimento das línguas e que a perda de suas características essenciais durante o seu processo de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desenvolvimento que acompanha o processo de desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades, é capaz de produzir efeitos perniciosos nas sociedades modernas.

Este processo de desenvolvimento traduz-se na transição de uma comunicação transparente e imediata da natureza humana para uma comunicação mediada por interesses advindos do universo social. No *Ensaio*, Rousseau propõe toda a reconstrução desse processo de desenvolvimento da linguagem: tem como ponto de partida a linguagem originária e primitiva do estado de natureza, caracterizada pelas primeiras vozes inarticuladas que expressam e comunicam algum sentimento, até chegar ao estágio da linguagem articulada da sociedade civilizada, isto é, a linguagem escrita, formulada a partir de regras gramaticais permitindo a articulação de discursos.

Para realizar tal empreitada, o filósofo parte de questões referentes às diferenças existentes entre as várias línguas e a busca das necessidades que levaram os homens a originá-las e desenvolvê-las por meio da articulação de suas falas. Dessa forma, ele introduz, no início do primeiro capítulo, o tema e problema a ser discutido nesta obra específica:

A palavra distingue os homens entre os animais; a linguagem, as nações entre si – não se sabe de onde é um homem antes de ter ele falado. O uso e a necessidade levam cada um a aprender a língua de seu país, mas o que faz ser essa língua a de seu país e não a de um outro? A fim de explicar tal fato, precisamos reportar-nos a algum motivo que se prenda ao lugar e seja anterior aos próprios costumes, pois, sendo a palavra a primeira instituição social, só a causas naturais deve a sua forma (ROUSSEAU, 1973, p. 165).

Diante dessa proposta, os argumentos elaborados por Rousseau para tratar dessas questões são constituídos por diversos resgates



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

históricos, elementos geográficos e, principalmente, pelo resgate do homem ao seu estado de natureza, do princípio originário das sociedades e, também, da exposição de algumas observações a respeito da sociedade moderna. Nesse sentido, é possível encontrar no meio dessa estrutura argumentativa alguns elementos que representam e evidenciam o caráter crítico do pensamento rousseauiano a respeito da linguagem enquanto um elemento que compõe o universo social moderno. Assim, a crítica rousseauiana começa por retratar a perda da força das línguas modernas europeias a partir da influência da gramática que orienta o desenvolvimento delas:

As línguas modernas da Europa estão, todas, mais ou menos no mesmo caso. Não excetuo sequer a italiana. A língua italiana, tanto quanto a francesa, não é em si mesma musical. A diferença reside unicamente em que uma se presta à música e a outra não. Tudo isso leva à confirmação do princípio de que diz deverem todas as línguas escritas, por um progresso natural, mudar de caráter e perder a força, ganhando clareza; que quanto mais se procurar aperfeiçoar a gramática e a lógica, mais se acelerará esse progresso; e que, para rapidamente tornar uma língua fria e monótona, basta estabelecer academias no seio do povo que a fala (ROUSSEAU, 1973, p. 179).

Ademais, seguindo o andamento do *Ensaio*, Rousseau potencializa ainda mais a crítica à língua moderna. Conforme os seus argumentos se desenvolvem e, ao tratar das influências da melodia e a relação entre a língua e música no capítulo XII, o intenso poder da crítica rousseauiana revela a característica de incompletude da língua francesa moderna:

Uma língua que não tenha, pois, senão articulações e vozes possui somente a metade de sua riqueza; na verdade, transmite ideias, mas, para transmitir sentimentos e imagens, necessitam-se ainda de ritmos:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

eis o que a língua grega possuía, e falta à nossa (ROUSSEAU, 1973, p.193).

Tendo em vista essa condição de enfraquecimento e de incompletude das línguas modernas, identifica-se que esses prejuízos da língua moderna estão diretamente ligados a perda de musicalidade que ocorreu no percurso de desenvolvimento dessas línguas. Desse modo, as interpretações de Starobinski e Bento Prado são essenciais para esclarecer a relação entre o enfraquecimento e incompletude com a perda de musicalidade e traçar a relação de aproximação entre a música e a língua, onde a primeira serve de paradigma para a segunda.

Enfraquecimento da linguagem

Em um primeiro momento, para compreendermos a relação entre o conceito de música e língua, é válido sublinhar que esta questão está diretamente relacionada com o problema da discordância da dualidade e oposição entre o Ser e Parecer citado na passagem de Rousseau na *Carta a Beumont* no início deste trabalho. Esta discordância leva o princípio da investigação para o início da vida social, no período patriarcal³, onde o homem passou a ter conhecimento do “outro” nas relações presenciais entre os sujeitos, e desenvolve-se até chegar nas sociedades civilizadas, onde esta relação parece estar enfraquecida devido aos interesses particulares que mediam as relações e parecem torná-las cada vez mais impessoais. É nesse percurso que se encontra o contexto de enfraquecimento das línguas.

³ Período entre o estado de natureza absoluto, descrito na primeira parte do *Discurso sobre desigualdade*, e o estado social originado a partir da propriedade privada.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Diante desse processo de enfraquecimento, a linguagem parece ocupar um papel fundamental em ambos os períodos e na sua transição, pois, parece ser o meio ou instrumento que o homem dispõe para atuar nas realizações das relações pessoais e consolidar sua condição de sociabilidade. Ao passo em que as línguas percorrem todo esse período de desenvolvimento e transição do estado patriarcal para o civilizado, elas se enfraquecem na medida em que perdem suas características afetivas e sua finalidade de comunicação presente na sua origem. Com isso, tornando-se, assim, um instrumento político perigoso para o estado civil.

Nesse estado, a linguagem parece perder sua característica afetiva para torna-se instrumentalizada e sua finalidade de simples comunicação parece corromper-se em uma forma de estabelecer uma relação de dominação entre os homens. Essas relações explicitam tanto a corrupção das línguas quanto a característica de incompletude afirmada por Rousseau na passagem citada anteriormente.

Starobinski, na obra *A transparência e o obstáculo*, dá importantes contribuições para a discussão acerca do desacordo entre o Ser e Parecer e o enfraquecimento e corrupção das línguas. A tese que orienta o desenvolvimento da obra propõe que esta discordância entre Ser e Parecer se dá a partir da transição do homem do seu estado natural, onde ele vive em um estado de pura transparência e comunicação perfeita, para um mundo civilizado e mediado por interesses particulares, aparentes e hipócritas.

Esta transição parece acontecer por meio do desenvolvimento de artifícios sociais e culturais que colocam o universo social em uma relação de oposição com o universo natural. Nessa perspectiva,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

quanto mais a sociedade se desenvolve, mais ela contribui para a corrupção do homem. Isto é, por um lado, no período patriarcal do estado natural, o homem se relaciona de modo transparente e imediato com o outro, possui uma comunicação espontânea e legítima em suas relações pessoais, ele se apresenta e aparenta ser o que essencialmente é.

De outro modo, na sociedade civilizada, os homens ao perderem essa transparência que caracteriza as relações pessoais no período patriarcal, também perdem a legitimidade de sua comunicação. Ou seja, suas relações pessoais e sociais tornam-se enfraquecidas, passam a ser mediadas por opiniões alheias, interesses, falsas aparências e hipocrisias. Com isso, a essência humana não se encontra mais em si mesma e, a partir daí ela passa a ser encontrada nos objetos que mediam as relações de interesses entre os homens. Assim, é possível observar que a relação de oposição entre o universo social e o natural, caracterizada por uma transição do estado de transparência absoluta e comunicação afetiva para o estado de aparência ilegítima e comunicação dominadora, também é marcada por uma passagem do imediato para o mediato, como afirma Starobinski (1991):

A relação já não se estabelece diretamente de consciência a consciência: ela agora passa por coisas. A perversão que daí resulta provém não apenas do fato de que as coisas se interpõem entre as consciências, mas também do fato de que os homens, deixando de identificar seu interesse com sua existência pessoal, identificam-no doravante com os objetos interpostos que acreditam indispensáveis à sua felicidade. O eu do homem do homem social não se reconhece mais em si mesmo, mas se busca no exterior, entre as coisas; seus meios se tornam seu fim. O homem inteiro se torna coisa, ou escravo das coisas (p. 35-36).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Diante deste cenário de transição, pode-se afirmar que um dos objetivos da crítica de Rousseau ao universo social e, especificamente, no campo da linguagem diz respeito à condenação da alienação caracterizada pelos interesses do mundo civilizado e, principalmente, ao desejo de resgatar a relação e comunicação imediata, transparente e legítima características que marcam a força e a totalidade das línguas.

A força da linguagem

A partir da investigação deste processo de desenvolvimento e enfraquecimento da linguagem e das línguas presente no *Ensaio* e, juntamente com as reflexões de Bento Prado em *A Retórica de Rousseau*, é possível compreender a relação de proximidade entre música e linguagem, na qual o conceito de música ocupa a função de paradigma para o desenvolvimento das línguas e, também, serve de critério para medir a sua força.

Bento Prado, com o intuito de delimitar o campo propriamente linguístico do conceito de *Força*, em *A força da voz e a violência das coisas*, volta-se para o *Ensaio* de Rousseau, a fim de esclarecer a possibilidade de articular esta relação de proximidade entre música e línguas. Para realizar tal tarefa, o autor faz uma investigação minuciosa dos capítulos XV e XVI do *Ensaio*.

A relação entre música e língua no campo da linguagem pode ser encontrada no capítulo XV do *Ensaio*, onde Rousseau começa por investigar os verdadeiros princípios da música, identificando-os nas melodias carregadas de expressões de sentimentos das paixões da alma que dão um sentido às estruturas físicas de um determinado som. Com isso, Rousseau, ao identificar a fala com o canto, também



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aproxima os princípios da música com a origem das primeiras línguas, na medida em que as primeiras vozes e falas humanas eram consideradas canções compostas de ritmo, canto e melodia dotadas de sentido.

Nesse viés, o reconhecimento desse sentido depende da relação de comunicação transparente e presencial entre dois seres semelhantes que expressam e reconhecem os sentimentos que dão sentido à fala:

As cores e os sons têm grande poder como representações e sinais, porém pequeno como simples objetos dos sentidos. Conjuntos de sons e acordes talvez me distraiam por um momento, mas, para encantar-me e comover-me, esses conjuntos precisam oferecer-me algo que seja nem acorde nem som e que, apesar de mim mesmo, me emocione. Até os cantos, quando só são agradáveis e nada dizem, também cansam, pois não é tanto o ouvido que leva o prazer ao coração quanto este que o conduz até ao ouvido (ROUSSEAU, 1973, p.198).

Identificando o princípio da música no sentido do som causado pela manifestação de sentimentos por meio da melodia, também, verifica-se uma primeira aproximação entre os conceitos de música e línguas. Essa relação fica evidente e reforçada, pois, a partir do desenvolvimento de ambas, também é possível traçar uma relação de analogia entre a gramática linguística e a harmonia musical, uma vez que a harmonia articulada pela razão é responsável pelo enfraquecimento da música, como também, as regras gramaticais, articuladas pela razão, contribuem para o enfraquecimento da língua.

A partir destas relações traçadas no capítulo XV do *Ensaio*, posteriormente, no capítulo XVI, Bento Prado revela que Rousseau propõe a formulação de uma teoria da imitação que sustenta o conceito de *Força* no campo linguístico. Essa teoria imitativa é



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

expressada com base na exposição de uma série de oposições entre a música e a pintura. Com essas oposições e devido ao conceito de representação relacionado com o de imitação, Rousseau concede uma maior valorização ao músico e força a música do que ao pintor e a força da pintura afirmando:

Uma das maiores vantagens do músico consiste em poder pintar as coisas que não se poderiam ouvir, enquanto o pintor não pode representar aquelas que não se podem ver, e o maior prodígio de uma arte, que só age pelo movimento, consiste em poder formar até a imagem do repouso. O sono, a calma da noite, a solidão e o próprio silêncio entram nos quadros da música. Sabe-se que o ruído pode produzir o efeito do silêncio, e este, o efeito daquele, como quando adormecemos em meio a uma leitura igual e monótona e acordamos no momento em que cessa (ROUSSEAU, 1973, p. 200).

Diante dessa relação de oposição entre música e pintura e da elevação da linguagem musical a um estágio superior ao da pintura, Bento Prado delimita o campo linguístico do conceito de *Força*, pois observa que o caráter imitativo e o grau de representação da pintura limitam-se ao campo do visível, enquanto que, de outro lado, o caráter imitativo e o grau de representação da linguagem musical possuem a força de expandir-se em direção do irrepresentável, de transcender as diferenças entre os vários campos sensoriais, permitindo estabelecer uma comunicação transparente e imediata em uma relação presencial entre seres semelhantes.

Nessa relação presencial, seres semelhantes se comunicam e se reconhecem por meio de uma linguagem carregada de melodia e movimentos capazes de representar as paixões da alma. Rousseau, ao concluir as oposições entre música e pintura, reconhecendo a superioridade da música e valorizando a relação presencial, eleva



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a linguagem musical a um estágio ainda mais alto ao afirmar que essa forma de manifestação da linguagem é o órgão da alma:

Por aí se vê estar a pintura mais próxima da natureza, e a música, da arte humana. Percebe-se também que uma interessa mais do que a outra, justamente porque aproxima mais o homem do homem nos dá alguma ideia de nossos semelhantes. A pintura frequentemente é morta e inanimada; pode transportar-vos ao fundo de um deserto. Desde, porém, que os sinais vocais atinjam vosso ouvido, anunciam um ser semelhante a vós. São, por assim dizer, os órgãos da alma e, embora também possam representar a solidão, dizem que não estais sós. Os pássaros trinam, somente o homem canta. E não se pode ouvir canto ou sinfonia sem dizer imediatamente: “Um outro ser sensível está aqui” (ROUSSEAU, 1973, p. 200).

É partir da oposição entre música e pintura e da valorização da linguagem musical que Rousseau estabelece a relação de proximidade entre os conceitos de linguagem, imitação e representação no término do capítulo XVI:

A natureza toda pode estar adormecida, mas aquele que a contempla não dorme, consistindo a arte do músico em substituir a imagem insensível do objeto pela dos movimentos que sua presença excita no coração do contemplador. Não somente agitará o mar, animará as chamas de um incêndio fará os rios correrem, cair a chuva e aumentarem as torrentes, como também pintará o horror de um deserto tremendo, enegrecerá as paredes de uma prisão subterrânea, acalmará o ar tranquilo e sereno, e, da orquestra, lançará uma nova frescura nos bosques. Não representará diretamente tais coisas, mas excitará na alma os mesmos sentimentos que se experimenta vendo-as (ROUSSEAU, 1973, p. 200).

Diante da relação de aproximação desses conceitos, é possível Bento Prado delimitar o campo linguístico do conceito de *Força*:

A linguagem é imitativa apenas quando é indireta, quando afeta a alma, a disposição do coração, sem necessariamente representar as coisas, que são apenas a ocasião destas afecções. A força da linguagem não reside no poder de fornecer imagens das coisas, mas no poder de pôr a alma em movimento, de colocá-la numa



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

disposição que torne visível a ordem da natureza. A linguagem imita a natureza quando colabora com a ordem, quando restitui, no interior da humanidade, a ordem que seu nascimento tinha contribuído para apagar (PRADO, 1988, p. 62).

São essas características das línguas, presentes desde a origem da linguagem a partir da proximidade com a música e do seu caráter imitativo no estado natural e que atinge suas primeiras formas articuladas nas relações presenciais e transparentes no estado patriarcal, mas que se perderam no percurso de transição e desenvolvimento da sociedade civilizada, que Rousseau pretende resgatar nas relações de convívio social moderno a fim de consolidar, novamente, a transparência e legitimidade dessas relações.

Aspecto ético político da crítica à linguagem

Após a investigação de alguns elementos das reflexões e críticas rousseauianas no campo da linguagem, faz-se necessário investigar a influência e relevância deste estudo linguístico para a estruturação e compreensão do pensamento político do filósofo francês tendo como objetivo compreender o contexto e interesses de Rousseau ao tratar das questões no campo da linguagem.

Nessa perspectiva, uma primeira aproximação entre as questões acerca da linguagem e da política são apontadas por meio dos comentários a respeito das influências filosóficas antigas do filósofo moderno em questão e o embate da antiguidade entre os filósofos da metafísica clássica e os sofistas⁴, logo, Franklin problematiza:

4 Válido acrescentar que os sofistas possuíam domínio das artes da oratória e retórica.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Quando Isócrates, em seu famoso Elogio de Helena, declara “que mais vale obter sobre assuntos úteis uma opinião razoável do que conhecimentos exatos sobre inutilidades”, não se reconhece aqui a mesma crítica de Rousseau “a essas crianças que chamamos de filósofos”, que se detêm na discussão de problemas metafísicos insolúveis e deixam de lado o essencial, isto é, a moral e a política? (MATTOS, 2008, p. 15).

Bento Prado Jr, na mesma obra, reforça essa relação entre Rousseau e os antigos sofistas. Também reafirma que a moral e a política norteiam os reais interesses de suas reflexões filosóficas compondo o contexto das críticas presentes nas obras que expressam seu pensamento filosófico:

Ao filósofo, tanto Isócrates quanto Rousseau opõem a finitude do Saber humano e a impossibilidade de decidir com certeza entre as hipóteses rivais, de descobrir, entre todos os sistemas do mundo, qual o verdadeiro. A uma vã preocupação teórica, para sempre condenada a insolubilidade, os dois críticos da Filosofia opõem a preocupação mais séria da moral e da política (PRADO, 2008, p.86-87).

Já em outro ensaio dedicado a comentar a constituição do pensamento filosófico de Rousseau, o comentador presta-se a investigar exatamente o elemento que garante a unidade do pensamento filosófico rousseauiano e a demarcar o cenário que serve de contexto para todo esse pensamento e, conseqüentemente, delimita também, os reais interesses de suas críticas, principalmente, as que abordam as questões voltadas para a linguagem. Logo, em *Rousseau: filosofia política e revolução*, Bento Brado Jr. sintetiza claramente o teor essencialmente político que sustenta a unidade do pensamento filosófico rousseauiano a partir de um jogo retórico de forças:

Com Rousseau o centro da gravidade da reflexão política se desloca da esfera do saber para a do poder, ou da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Razão para a da paixão, ou ainda do Discurso para a da Força. As vontades, as paixões, mesmo os direitos reivindicados remetem a uma Econômica ou uma Dinâmica onde se opõem proprietários e despossuídos, fortes e fracos, dominantes e dominados. Não se trata mais de difundir o saber, mas de organizar forças dadas, ou de neutralizar um conflito existente desde sempre, contando apenas com as forças (demasiado humanas) disponíveis. É a diferença social que vem finalmente à tona, tornando necessária a determinação dos meios de suprimi-la (PRADO, 2008, p. 420).

Olhando para este cenário, o fio condutor que perpassa as críticas e o pensamento filosófico do filósofo encontra-se na reflexão retórica a respeito dos principais objetos de estudo que permeiam os campos da ética e da política, ou seja, a partir de questões de cunho ético e político, do embate entre várias forças que se opõem e, por trás dessas críticas à sociedade e aos elementos que a compõe, encontra-se os principais objetos de estudo do pensamento filosófico rousseauiano, a saber: a felicidade humana, a virtude, a liberdade e a legitimidade das relações de poder. Logo, esses objetos de estudo revelam que a base do pensamento filosófico rousseauiano e os interesses que o orienta encontram-se nos campos da ética e da política e, principalmente, que a retórica, um elemento linguístico, é o instrumento utilizado por Rousseau para tratar das oposições de forças presentes na discussão de seus principais objetos de estudo.

Por fim, a crítica presente no *Ensaio* que afirma o enfraquecimento e incompletude da língua moderna, também se encontra constituída e inserida em um contexto marcado por reflexões no âmbito da Ética e da Política. Exemplos da manifestação desses dois aspectos podem ser encontrados em pelo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

menos dois momentos distintos dessa obra, um caracterizado pelo âmbito moral, outro pelo viés mais especificamente político.

Pode ser encontrado, sob um aspecto em que a moral é predominante, no capítulo XV, onde Rousseau dedica-se a investigar os verdadeiros princípios da música que ocupam um papel essencial no desenvolvimento das línguas. Essa busca leva Rousseau a identificar que esses princípios estão diretamente ligados às impressões morais expressas a partir dos sentimentos humanos responsáveis por originar as expressões sonoras.

O caminho que leva o filósofo francês a encontrar essa identificação aponta para a oposição entre a estrutura física do som e o sentido moral que este carrega a partir da experiência de uma relação presencial entre dois seres sensíveis e semelhantes que se reconhecem. Assim, Rousseau ilustra no capítulo seguinte:

Desde, porém, que os sinais vocais atinjam vosso ouvido, anunciam um ser semelhante a vós. São, por assim dizer, os órgãos da alma e, embora também possam representar a solidão, dizem que não estais só. Os pássaros trinam, somente o homem canta. E não se pode ouvir canto ou sinfonia sem se dizer imediatamente: "Um outro ser sensível está aqui" (ROUSSEAU, 1973, p. 200).

Segundo o viés político, este se revela nitidamente no último capítulo juntamente com os principais interesses do pensamento filosófico rousseauiano para o *Ensaio*. Por mais que a maior parte da obra o autor tenha se dedicado a investigação do desenvolvimento da linguagem e das línguas. Este percurso se faz necessário para compreender a problemática principal a respeito da linguagem no pensamento político rousseauiano, ou seja, a relação entre as línguas e o governo que intitulam o último capítulo do *Ensaio*. É justamente por meio do estabelecimento dessa relação que é evidenciado o aspecto político presente na crítica rousseauiana



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

à língua moderna. A descrição dessa relação encontra-se, nas palavras do próprio Rousseau, em:

As línguas se formam naturalmente baseadas nas necessidades dos homens, mudam e se alteram de acordo com as mudanças dessas mesmas necessidades. Nos tempos antigos, quando a persuasão constituía uma força pública, impunha-se a eloquência. De que serviria hoje, quando a força pública substitui a persuasão? Não se tem necessidade nem de arte nem de figura para dizer: *Assim o quero*. Qual é o discurso, pois, que ainda resta a fazer ao povo reunido? Sermões. E qual o interesse daqueles que os fazem, em persuadir o povo, se não é o povo quem distribui mercês? As línguas populares tornaram-se, também para nós, tão perfeitamente inúteis quanto a eloquência. As sociedades tomaram sua última forma: nela nada mais se muda senão com o canhão e com a moeda, e como nada se tem a dizer ao povo, a não ser: *dai dinheiro*, diz-se por meio de cartazes nas esquinas ou de soldados nas casas. Para tanto não se precisa reunir ninguém; pelo contrário, convém manter os súditos esparsos – tal a primeira máxima da política moderna (ROUSSEAU, 1973, p. 204-205)⁵.

Nesse estágio de linguagem articulada na sociedade civil moderna, ela torna-se instrumento político através de discursos persuasivos e, até mesmo da formulação das leis que permita uma forma de o governo exercer seu poder e força sobre os governados, podendo também estabelecer relações de manipulação e dominação indo contra a liberdade de seu povo.

Indícios do teor político do *Ensaio* também são revelados logo no início de *A força da voz e a violência das coisas*, onde Bento Prado Jr dedica-se a investigar a importância da linguagem na constituição do pensamento filosófico rousseauniano e, também, a originalidade dessa teoria da linguagem⁶ a fim de propor a retórica

5 Esta reflexão a respeito da política antiga e moderna é pertinente para se questionar a situação atual. Será que na política contemporânea o dinheiro continua sendo a máxima da política?

6 Para Bento Prado, essa originalidade de Rousseau se manifesta a partir do bom ou mau uso da linguagem que originaria tanto a violência das coisas, quanto a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

como unidade de seu pensamento. Logo, o autor afirma o cunho político da teoria da linguagem ao mostrar como ela possui o poder de influenciar a estrutura da sociedade:

Esse otimismo linguístico que faz da linguagem o espelho impassível em que vêm refletir-se, sem conflito, coisas inocentes, prolonga-se além do campo da Gramática e da Lógica: própria ideia de uma “Filosofia das Luzes”, no engajamento dos “Filósofos”, esse otimismo torna-se político. A Gramática e a Política dos Filósofos amparam-se mutuamente: a livre circulação das palavras, este sopro muito leve da verdade, pode neutralizar a violência das coisas, instaurar o universo da liberdade (PRADO, 2008, p.111).

Franklin de Mattos também expressa claramente a síntese das percepções morais e políticas da linguagem em Rousseau a partir do breve comentário do *Segundo Discurso* (MATTOS, 2008, p. 18): “O leitor do *Discurso sobre a desigualdade* há de se lembrar da célebre passagem em que a propriedade privada surge de uma astúcia de linguagem e há de se lembrar também que, no Ensaio, o progresso da língua é paralelo à degradação moral e política da humanidade”.

Logo, diante dessas exposições, compreende-se que as críticas de Rousseau à linguagem e suas formas de manifestação não são aleatórias ou desinteressadas, mas que elas estão inseridas em um contexto que permite a contribuição para a formulação das reflexões do pensamento político do autor. Tanto como instrumento retórico na estruturação da unidade do seu pensamento filosófico, quanto em questões que incentivam a formulação desse pensamento e as críticas à sociedade civilizada.

manifestação da liberdade. Com isso, revela-se um aspecto ético e político da reflexão rousseauiana acerca da linguagem.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Considerações finais

Portando, diante dessa exposição, compreendeu-se alguns aspectos das críticas de Rousseau à linguagem e a língua moderna a partir de algumas passagens que as exemplificam, da investigação de alguns conceitos que as compõe, como exemplo: conceito de força, ideia de incompletude e a aproximação entre música e língua. Posteriormente, revelou-se alguns aspectos éticos e políticos que compõem o contexto e os interesses de Rousseau a dedicar uma obra ao estudo, reflexão e críticas acerca de questões voltadas para o campo da linguagem. Com isso, foi possível identificar que a linguagem ocupa um papel essencial nas reflexões políticas rousseauianas, estando presente tanto como instrumento que auxilia na construção desse sistema filosófico, no caso a retórica. Quanto nas questões que motivam suas reflexões, a questão da propriedade na origem da sociedade civil, e nas críticas a alguns elementos específicos que compõe a realidade social moderna, o enfraquecimento e incompletude das línguas.

Referências

- FORTES, Luiz Roberto Salinas. **Paradoxo do espetáculo: política e poética em Rousseau**. São Paulo: Discurso Editorial, 1997.
- PRADO JR, Bento; MATTOS, Flanklin de (Apres.) (Org.). **A retórica de Rousseau: e outros ensaios**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes / Jean-Jacques Rousseau**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.